

PIONEIROS



Geraldo Vital

Trabalho era o lema de Brasília

Arquivo pessoal



GERALDO PRESTOU CONCURSO PARA A NOVACAP ASSIM QUE CHEGOU À CAPITAL E PASSOU A INTEGRAR OS QUADROS DA EMPRESA EM 1959

VINICIUS NADER

ESPECIAL PARA O CORREIO

Em 1959 o paraibano Geraldo Vital deixou seu estado natal rumo a Brasília, a cidade que estava sendo construída para ser a capital do país. O objetivo era um só. “Eu queria me aventurar na cidade que representava a convergência entre as regiões brasileiras”, conta Geraldo, definindo a Brasília daquela época como “uma epopéia imperdível para quem estivesse à procura de boas oportunidades”. Nem mesmo as quase 10 horas de viagem de avião e as duas escalas que separavam as cidades de Campina Grande e Brasília desanimavam o pioneiro.

Ainda a bordo do avião que o trouxe, Geraldo teve a impressão de que a vinda para a capital ia mudar a vida dele para melhor. “Sentei ao lado de José Torres (responsável por uma empresa de aluguel de transporte para a Novacap) e começamos a conversar. Como eu não tinha ainda um local certo para morar, ele me chamou para ficar com ele em um quarto do hotel Cacique, na 2ª Avenida da Cidade Livre (Núcleo Bandeirante)”, conta Geraldo, impressionado com a gentileza e com a boa vontade das pessoas que vinham para Brasília. Menos de um mês de-

pois de sua chegada, Geraldo prestou concurso para auxiliar de escritório do Departamento de Pessoal da Novacap e foi aprovado. Com isso, o pioneiro pôde mudar-se para o acampamento da empresa, também na Cidade Livre. “O acampamento da No-

vacap oferecia todo o conforto para seus funcionários, como água quente e outras mordomias. Esse era a maneira que a empresa tinha de fazer com que nós não desistíssemos da aventura”, lembra Geraldo.

Nessa época, ele lembra que

havia um lema em Brasília: “trabalho, trabalho e trabalho”. Até mesmo nas horas de lazer — poucas, vale sempre ressaltar — uma das diversões do pioneiro era pegar a lambreta e ir para a Praça dos Três Poderes ver o pessoal do turno da noite trabalhar. As outras opções eram ir ao aeroporto — que ainda era de madeira — ver os aviões e ir ao cinema volante. “Era um caminhão que levava uma tela para o meio da rua e fazia as sessões ali mesmo”, conta Geraldo, comparando a atividade a um drive-in da época.

Antes da inauguração, a Cidade Livre era realmente o centro de Brasília, já que a W3 Sul ainda não havia sido construída. Ali, Ge-

raldo Vital presenciou a diversidade da cultura brasileira, pois chegava gente de todas as regiões. “Os nordestinos e os nordestas vinham atrás de boas oportunidades de emprego, principalmente no comércio e na construção civil, e os sulistas vinham

com a transferência do governo”, explica o pioneiro. Mas a mistura de tantas culturas às vezes ocasionava situações inusitadas que, depois de devidamente explicadas, tornavam-se engraçadas. “Lembro de um rapaz que veio do Piauí e pediu confeitos na padaria. Sem saber do que se tratava, o balconista perguntou e eu disse que era bala. No primeiro momento, ele achou que o piauiense queria era levar um tiro, mas depois viu que não era nada disso”, diverte-se.

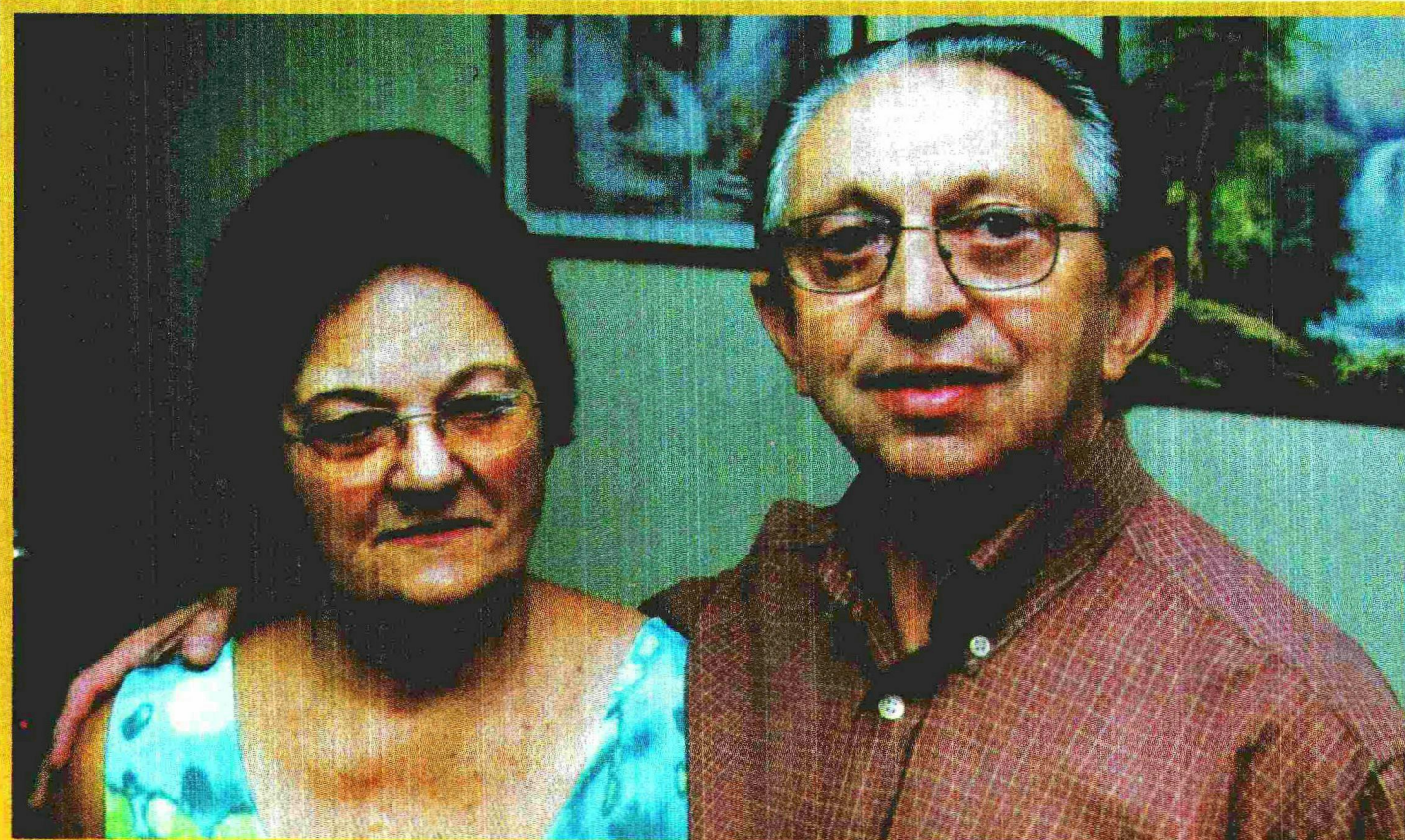
Lembranças

Outra história que Geraldo gosta de contar é sobre seu improviso como cicereiro de um grupo que visitava a nova capital. “Levei o grupo de cerca de 30 pessoas para visitar o Palácio da Alvorada e, na volta, desci no Congresso. Quando vi, estávamos perdidos no interior da Câmara dos Deputados, pois eu não sabia o caminho de volta. Os turistas perceberam e a gozação foi geral”, conta, aos risos. São histórias de um saudoso tempo em que se podia perder uma carteira em um baile de carnaval e recebê-la de volta intacta, com os 5 mil cruzeiros e os documentos todos ainda lá.

Geraldo Vital lembra da alegria que era quando o presidente Juscelino Kubitschek ia para

PIONEIROS

Desde o primeiro momento, o pioneiro sentiu a solidariedade e o espírito empreendedor que tomavam conta dos construtores da cidade



GERALDO E MARIA LUÍSA DECIDIRAM QUE ERA EM BRASÍLIA QUE QUERIAM CRIAR OS FILHOS

“OS NORDESTINOS E OS NORTISTAS VINHAM ATRÁS DE BOAS OPORTUNIDADES DE EMPREGO, PRINCIPALMENTE NO COMÉRCIO E NA CONSTRUÇÃO CIVIL, E OS SULISTAS VINHAM COM A TRANSFERÊNCIA DO GOVERNO”

lá (Cidade Livre), coisa que não era tão rara quanto se pode pensar, pois Juscelino gostava de que as pessoas o conhecessem. “A notícia de que o presidente estava lá corria logo e íamos todos ou para o mercado Diamantina ou para o restaurante da Déli para conversar com ele”, lembra Geraldo, acrescentando que JK sempre perguntava para as pessoas de onde elas vinham, o que estavam fazendo e se gostariam de voltar para a cidade de origem. “Mas ninguém falava para ele que queria voltar. A construção de Brasília era um objetivo nosso também”, diz. Por isso, o dia 21 de abril de 1960 não sai da memória do pioneiro, que foi um dos primeiros a chegar à Praça dos Três Poderes para assistir à missa de inauguração da cidade. Com isso, Geraldo ficou bem perto de Juscelino, Israel Pinheiro e das várias autoridades

presentes na cerimônia. Depois da missa e de as luzes da cidade se acenderem pela primeira vez, a festa continuou na Esplanada com direito a música, barraquinhas de bebidas e comidas e muita animação.

Com a inauguração, o sonho estava realizado e muitas oportunidades foram desaparecendo. Afinal de contas muita coisa já estava construída e agora era esperar a cidade crescer. “Havia muitos boatos de que, por motivos políticos, a capital não seria transferida totalmente para cá”, conta Geraldo que, apesar de não acreditar nos boatos, resolveu voltar para Campina Grande, de onde tornou a sair em 1968 rumo a Brasília mais uma vez. “Meu único arrependimento foi o de vender meu lote no Lago Norte e não reaplicar o dinheiro na cidade”, lamenta. Isso porque menos de oito anos depois ele estava de volta a Brasília.

“As oportunidades aqui continuavam muito boas e resolvi voltar para nunca mais sair”, conta o pioneiro, que, nesse meio tempo, casou-se e teve seus três filhos. O que mais chamou a atenção do pioneiro foi que Brasília não havia mudado muito nesse tempo. “A cidade ficou parada por quase dez anos e só voltou a progredir na década de 70”, afirma Geraldo, orgulhoso de ter participado também dessa “reconstrução”. Na época ele trabalhava na Stteca e fez parte das equipes que construíram a ampliação do número de salas e gabinetes e do plenário do Congresso Nacional e do Itamaraty, na construção chamada de Bolo de Noiva. “É interessante ver que até hoje Brasília está em obras e que a cidade estará completa apenas com o término do projeto inicial da Esplanada, que já está em andamento”, finaliza.

Raio X

Nome: Geraldo Vital
Idade: 68 anos
Origem: Campina Grande, Paraíba
Ano de chegada a Brasília: 1959
Profissão: Aposentado
Estado civil: Casado
Esposa: Maria Luisa Ribeiro Vital
Filhos: Carlos José, Solange e Marcus
Netos: Christiane e Andréia

Expediente

Coordenação do Projeto João Lobo Edição Rozane Oliveira Reportagem Bianca Chiavicatti, Stela Maris Zica e Vinicius Nader Fotos Daniel Farias, Arquivo Público do Distrito Federal, Arquivo pessoal dos pioneiros e do Correio Braziliense Revisão João Neto Diagramação Glauco Gonçalves Projeto Gráfico Ary Moraes Agradecimentos ao Clube dos Pioneiros e à Associação dos Candangos e Pioneiros de Brasília pela ajuda na identificação e escolha dos entrevistados

